

SÃO PAULO EM ROMANCES DE CECÍLIO J. CARNEIRO

Rui Ribeiro

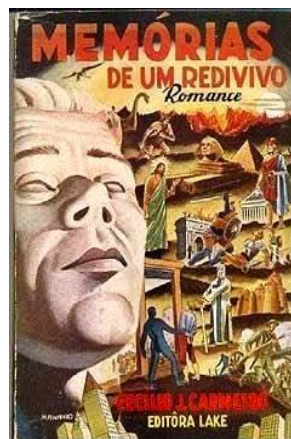
O sobrenome de Cecílio J. Carneiro (1911-1970) não reflete ascendência latina, como pode sugerir. Resulta da opção de seus pais - libaneses - ao se naturalizarem brasileiros e corresponde à tradução da palavra árabe Ganem. Mineiro de Paracatu, o futuro escritor decidiu-se pela medicina, sem reprimir porem a vocação literária cedo manifestada. A estréia romancista aconteceria em 1939 com "Memória de cinco". O livro passaria despercebido meio à profusão de produções ficcionais aparecidas no período e caracterizadas pelo tom social, pelos temas regionalistas e pelas questões proletárias. Pertencem a essa fase: "O alambique" (Clóvis Amorim), "O horroroba" (Lauro Palhano), "Cangerão" (Emil Farah), "Sem rumo" (Cyro Martins) e mais de uma dezena de outras obras marcantes.

Ambientado na capital paulista a, partir de 1928, "Memórias de cinco" descreve a trajetória penosa de um quinteto de estudantes provenientes do interior do Estado e que moravam numa pensão próxima à Faculdade de Medicina de São Paulo, cujas aulas frequentavam. Naquele tempo a escola se localizava à rua Brigadeiro Tobias, em prédio de "salões amplos" e "janelas toscas". Dizia-se que o edifício era histórico, "por ter abrigado os amores da Marquesa de Santos". O enredo, ao que tudo indica, foi composto com reminiscências do autor, inclusive traços autobiográficos. Permeiam a narrativa cenas da vida estudantil, como as chacotas dos veteranos com os calouros e o pavor destes nas primeiras aulas de anatomia. É descrito, minuciosamente, o aprendizado prático no recinto da Santa Casa, em "enfermarias subterrâneas" repletas de doentes, "na maioria crônicos, dormindo uns em camas, outros debaixo delas..." Conclui o narrador que, naquele ambiente funesto, "...um médico que suporta pacientemente os mais alucinantes sofrimentos alheios é o que melhor poderá combater tais sofrimentos, porque resistir às dores alheias é tão difícil quanto resistir às próprias dores." A formação do grupo em 1934 coincide com a do próprio escritor. Juntos, os novos médicos enfrentam tempos difíceis na tentativa de exercerem a profissão em consultório instalado no centro da cidade, logo fechado pela falta de clientes. Daí por diante, cada qual resolve medicar individualmente, enfrentado novas decepções. Ao final a estabilização, após muitas lutas e o arrefecimento do entusiasmo inicial.

Com o romance seguinte - "A fogueira" (1942) - Cecílio J. Carneiro atingiu a plenitude de sua força criadora pelo aperfeiçoamento das qualidades técnicas e do estilo. Pioneiro sobre a imigração síria, o livro mereceu elogios de Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Eloy Pontes. A trama se desenrola primeiro no plano urbano e depois no rural. Assi-

nala os caminhos percorridos por Elias Arbete (transformado em Guerra pela tradução do sobrenome), desde quando deixou sua pequena aldeia natal até a fixação em território brasileiro. A obra obteve a segunda colocação no concurso promovido pela Divisão de Cooperação Intelectual da União Panamericana e foi traduzida para o inglês com o título de "The Bonfire". Participaram da comissão julgadora Tristão de Athayde, Múcio Leão, Pedro Calmon e no júri final o brasilianista John dos Passos.

Sobre o perfil do personagem central, há muita ênfase na descrição do comportamento de Elias Turco, como passou a ser conhecido. Aguerido, irascível, estouvado, impaciente, sempre a recriminar as pessoas, ia da explosão à calma em poucos segundos. Dotado de espírito de liderança, conseguiu trazer consigo para o Brasil um bom número de patricios. Instalou-se em São Paulo, no bairro do Brás, "numa rua fundo de saco, aberta para a avenida Rangel Pestana e denominada "Beco do Luca". A habitação fazia parte de "longa série de casinhas pregadas umas às outras", ocupadas na maioria por imigrantes italianos, que falavam em dialeto pátrio misturado com português macarrônico. Iniciando com vendedor ambulante de mercadorias baratas, adquiridas na rua 25 de março, Elias Turco progrediu em pouco tempo, abrindo em seguida loja próxima à Estação do Norte, ampliada sucessivamente. Aventurou-se também em outros tipos de transações, como compra e venda de café, auferindo grandes lucros. Sempre pronto para novos desafios, comprou depois de algum tempo gleba imensa ao norte do Estado, às margens do rio Grande, divisa com Minas Gerais, disposto a transformá-la em fazenda cafeeira. Com dinamismo incomum comandou a derrubada da mata virgem, preparando o solo para o plantio. Boa parte da propriedade mostrava-se imprópria para cultura, por ficar alagada na época das chuvas, quando o rio crescia avassaladoramente. Não se atemorizou o fazendeiro, despendendo grandes somas e labor, primeiro pela construção de extenso dique de contenção, que foi carregado pelas águas, depois abrindo com sucesso canais de escoamento. A lavoura prosperou com o trabalho de numerosos colonos, incentivados pelo patrão sempre na forma peculiar de estimular através de injúrias proferidas com voz trovejante. O rico e poderoso desbravador, que vencera a força da natureza, passou então a enfrentar problemas mais sérios. Instigadas pelos maridos, suas filhas passaram a reivindicar empréstimos e mais



empréstimos, nunca saldados, provocando a ira incontrolável do pai, já abalado pela morte da esposa e pela fuga do único filho homem, que fora atraído pelo fascínio da música. Golpe traiçoeiro perpetrado por primo invejoso, queda no preço do café e excesso de confiança na condução dos negócios redundaram na derrocada do incansável batalhador.

Classificado com romance de costumes, "Brás" (1956) tem por cenário o bairro homônimo, onde se movimentam personagens e figurantes que habitam o cortiço da rua Caetano Pinto nº 138 no período pós guerra. No centro da narrativa estão Zaira Mamute e seu "protegido" Amadeu, recém chagado do interior.

A mulher, descrita fisicamente como um brutamonte desengonçado, exerce todo o tipo de armações desonestas, inclusive a de falsa vidente. Num plano adrede arquitetado, envolve o moço ingênuo, levando-o pra morar consigo, com a finalidade de transformá-lo em ganhão para alimentar sua atividade ilícita mais lucrativa - o comércio de bebês nascidos de mulheres que alcovitava. Ao descobrir-se vítima, o rapaz se revolta, mas só consegue libertar-se após a morte da facínora, partindo afinal em busca de novos rumos de vida. Nos capítulos derradeiros as cenas ganham contornos policiais, com assassinatos, e até a atuação espalhafatosa detetive amadora. Marcam o curso da história logradouros do tradicional bairro paulista: porteiras da via férrea, Estação do Norte, avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia, ruas Miller, Xavantes, por onde transitam vendedores ambulantes, verdureiros, amoladores de facas. Ganha relevo o dia-a-dia do cortiço labiríntico, verdadeiro "buraco de formigueiro" com suas intrigas, festas e confusões, num ambiente transbordante de dramas, risos e lutas desesperadas.

Nos poucos dados disponibilizados sobre Cecílio J. Carneiro consta apenas que exerceu funções no Departamento Médico do Serviço Civil do Estado. Colegas de profissão, imaginários ou reais, estão entretanto presentes em sua ficção, uns sofrendo a concorrência de farmacêuticos e curandeiros, outros colocando a ambição pelo dinheiro muito acima dos objetivos da medicina. Já o homem de letras fundou com o irmão a Editora Bartira e deixou razoável relação de livros. Entre eles, disponível até hoje nas livrarias especializadas, figura "Memórias de um Redivivo" (1955), que atesta a simpatia do autor pela doutrina de Alan Kardek, sendo talvez um dos precursores dos romances ditos mediúnicos.

Rui Ribeiro é escritor, advogado e crítico literário.

Apelo

Rosani Abou Adal

Pela sua família
pela minha família
pelo povo brasileiro
pelo Brasil
Índia
Rússia
China
América
Europa
Ásia
África
Oceania
Antártida
pelos fracos e oprimidos
pelos beócios e letrados
pelos professores e doutores
pela burguesia
pelos operários e escravos
pelos famintos e gulosos
pelos pobres e ricos
pelo amor de Deus
Mais Cultura e Educação



Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 84,00

semestral: R\$ 42,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

DORMINDO NO VERBO: A POTÊNCIA DAS LABAREDAS

Raquel Naveira

Verbo significa "Palavra", designa ação. Palavra é domínio sobre o mundo. É assim, de palavra em palavra, de uma ideia que puxa outra, que Alexandra Vieira de Almeida, professora dada às Letras e à crítica literária, constrói este livro de poemas.

A primeira parte, "Dormindo no Verbo", a mais longa e que dá título ao livro, parte do princípio, da força das pedras, do "entremeluzir das pedras", do "orgasmo oco de pedra, de terra, de sal. O próprio poeta é aquele que trabalha com "palavras lânguidas", mas tem "os pés machucados por pedregulhos". Dormir no verbo tem algo de mineral, de altar de pedras preparado para fogo e sacrifício.

Deixando as cachoeiras espumantes e os caminhos de pedra, a poeta sobrevoa num aeroplano o céu nu de sua cidade por entre "nuvens feiticeiras" e prédios. Vê crianças na escola aprendendo a amar a cidade. Vê o sol e o mar, mas vê também a violência nas esquinas, a ameaça das armas, o "inferno de cobras". Cidade que se esquarteja.

Amante da natureza, a poeta se surpreende com a tecnologia, o avanço científico, o automatismo de "teclas insanas", os ciborgues e robôs aglomerados na multidão. Saindo desse pesadelo virtual, busca a clareza, "as joias amarelas que caem em suas mãos na clareza das manhãs".

Escrever livros, ler livros, descobrir livros é a fuga e a paixão dessa poeta. Como Jorge Luis Borges, o poeta argentino, sonha com livros de areia: "livros arenosos", "versos arenosos que poeiram o abismo"; "livros molhados de alucinações". Li-

vros, indóceis corcéis do deserto, montados por poetas beduínos. Vida que vira livro. O nome escrito com arenoso trigo no Livro da Vida.

Poeta com cinco sentidos aguçados, sinestésica, Alexandra busca a água, mãe primordial que une todos os seres e "seres são arte em estado divino"; o perfume que envolvia a "casa amendoada"; neve e fogo no papel; o Jonas interno preso na boca estrelada da baleia.

Tocante a homenagem de luto pelo seu irmão Leonardo, "grão que faz nascer seu verso em horas de agonia, de voos sagrados e secretos. Leonardo, cego de sol.

A segunda parte, "Vida e morte cerebrina", intrigante jogo com a expressão "Vida e morte Severina", de João Cabral de Melo Neto, expressa uma preocupação em compreender o mistério da loucura, os meandros da mente do poeta, irrigada de sangue e emoção, o circo da mente onde gravitam os neurônios do artista, as viagens mentais e sonâmbulas, os sons vagos do cérebro. E a lenha, o combustível da mente louca e lúcida do poeta, é a imagem, a metáfora.

A terceira parte, "Verbo em chama", traz o erotismo da palavra, a chama da palavra inaugural, a dança e a vibração prometeida do fogo. Chama: verbo que sobe em fulgurações.

Dormindo no verbo como alguém que busca as sombras dos objetos num antiquário; alimentando o cérebro com passeios loucos; arrendendo na temperatura do fogo-palavra, Alexandra é poeta com a potência e a voltagem das labaredas.

Raquel Naveira é escritora, poeta e membro da Academia SulMato-Grossense de Letras e Doutora em Literatura Portuguesa, pela USP.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294

portsonia@ig.com.br

Psíu - são 30 anos de poesia

Angelo Oswaldo de Araújo Santos



Anelito de Oliveira, Wagner Rocha, Aroldo Pereira e Angelo Oswaldo.

Não é vã guarda a prontidão de Aroldo Pereira na poesia dos últimos trinta anos. Resulta em extensa obra que atrai o interesse e sempre surpreende quem ouve o seu *psíu* poético, siflado numa esquina de Montes Claros para ecoar mundo afora. Presença frutífera, ágil e inquieta, a poesia de Aroldo Pereira nasceu na década de 80 e celebra, com nova safra, os três decênios. O país emergia do autoritarismo, e uma vaga de experimentação renovava os influxos da tropicália, das artimanhas da Nuvem Cigana e da poesia beat, no corredor polonês das vanguardas, quando ele começou a escrever e lançou o salão nacional de poesia Psíu Poético. Tanto o encontro anual em Montes Claros quanto a sua inventiva produção guardam uma vitalidade que enfatiza a importância da poesia na cultura brasileira.

O raio desordenador de Raymundo Colares atravessou a cabeça de Aroldo Pereira, enquanto Hélio Oiticica revestiu os passos do poeta na ginga do parangolé. A marginalidade tem centros luminosos. No tédio e na solidão de sua "princesa decadente", arando os campos haroldos e ovacionando Oswald, o criador do Psíu flertou com os tropicalistas do Brasil e os beats americanos, varou os grafites e a velocidade das ruas, cortou tribos e territórios urbanos e decolou do sertão para ganhar altura. No mundo das imagens, a ereção do poema se faz com palavras acesas. Torcer o verso como Torquato, gritar Olé, Oiticica, ler o "gibi" de Colares, escrever no fio da navalha para cortar as realidades repletas de "verdades vadias". Rapto rápido como o rap no universo do verbo.

A comemoração das três décadas do Psíu Poético é um acontecimento significativo. Em outubro, em Montes Claros, poetas se reunirão no abraço a Aroldo Pereira, celebrando a vida, porque

*há coisas miúdas q. nos encantam
mesmo faltando dinheiro para o aluguel
e a visita tendo q. dormir no sofá*

Poeta, ator, compositor e agitador cultural, ele "não se cansa de reivindicar, através de sua relação com a linguagem e com a vida, um lugar para o homem na ordem das coisas", como registra Wagner Rocha, na abertura de "Parangolivo", editado pela 7Letras em 2010. Sua poesia, enfatiza Rocha, "é marcada por uma necessidade de mexer nas feridas sociais, de traduzir em versos toda a dor da humanidade que atravessa grandes conflitos". Poeta do nosso tempo, em "Geração" ele diz

*passar no asilo
ver se reservaram
vaga pra minha*

Aroldo Pereira pode saber que, nas bibliotecas, registros e acervos de poesia, a reserva está confirmada. Ele não precisa pedir licença para entrar. Sua numerosa lista de livros publicados tem lugar garantido pelo tempo que for, para o acesso das gerações que vierem.

**Angelo Oswaldo de Araújo Santos é
secretário de Estado de Cultura
de Minas Gerais.**

Bandolins

Paulo Bomfim

Bandolins vão inventando
Labirintos assombrados,
Os prédios estão vazios,
E corpos, desabitados.

Os pardais emudeceram
Em árvores de cristal,
A brisa pende da torre
Vestida de carnaval.

Um trânsito de silêncio
Encantou nos cruzamentos,
A prece fica sem lábios
no templo dos juramentos.

Pensamentos de safira
Cobrem bancos de jardins:
Só as estátuas percebem
O planger dos bandolins.

**Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro
da Academia Paulista de Letras.**

Paisagem

Eunice Arruda

O sol se
põe

Girassóis olham o chão

**Eunice Arruda é escritora, poeta e
pós-graduada em "Comunicação
e Semiótica" pela PUC-SP.**

Roberto Scarano

Advogado

Execuções

Cível

Família

Trabalhista



OAB - SP 47239

**Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br**

VOLEIOS POÉTICOS

Caio Porfírio Carneiro

Visitou-me de repente, para minha surpresa, que o nosso relacionamento era praticamente nenhum. Cumprimentos rápidos e palavras soltas.

Sentou-se à minha frente, sem ter muito o que falar. Levantou-se da cadeira, arrastando-a. Pensei que me fosse agredir. Tirou um papel do bolso do paletó, desdobrou-o, leu-me uma poesia. Meio confusa e rimas pobres. Pediu a minha opinião. Aprovei com um balançar de cabeça, tão lentamente que poderia também ser de desaprovação. Olhou-me friamente, meteu o papel no bolso, desculpou-se e se foi, batendo a porta fortemente. Em pensamento, mandei-o para os confins.

Foi para lá ou para outro lugar distante. Desapareceu da minha vista e dele não tive mais notícias.

Retornou tempos depois, envelhecido, encurvado, quase não o reconheci. Sentou-se com dificuldade na mesma cadeira. Depois do cumprimento quase nada falou. Tornou a levantar-se de repente. Meteu a mão no bolso, tirou o mesmo papel. Dedos trêmulos. Curiosamente o papel se mantinha limpo e dobrado. E me voltou a ler, gaguejante, a mesma poesia. Tornou a pedir a minha opinião. Balancei a cabeça lentamente, num gesto de aprovação que poderia ter significado oposto.



Foi-se embora rápido, sem se despedir, lágrimas nos olhos. Solto o papel desdobrado ao vento, que saiu fluando, subindo e descendo, indo e vindo. Caiu junto aos meus pés. Apanhei-o. Virei-o e revirei-o. Nada escrito. Joguei-o novamente ao vento e ele flutuou no ar.

Ficou-me uma latejante pena do poeta e, mais ainda, do poema mudo e ausente que se foi, navegante, em belos voleios poéticos.

Conto do livro *Veredas Percorridas* que será lançado em breve.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

PERSONALIDADE DO LIVRO

Andreia Donadon Leal foi agraciada com a placa Personalidade do Livro 2016 na cerimônia de abertura da V Bienal do Livro de Minas, no dia 15 de abril, no Café Literário do Expominas, em Belo Horizonte.

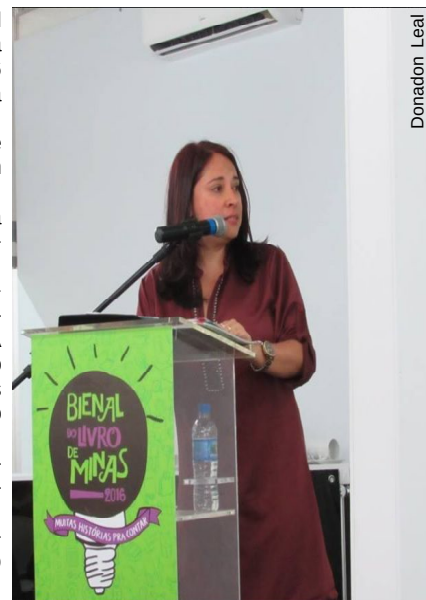
O evento contou com a presença de autoridades dos governos federal, estadual e do município, lideranças do meio editorial, representantes da FAGGA (empresa realizadora do evento), representantes das instituições ligadas ao livro em Minas Gerais, editores, distribuidores, livreiros, escritores, ilustradores e convidados.

A iniciativa da homenagem é da Câmara Mineira do Livro. Rosana Mont'Alverne, Presidente da Câmara Mineira do Livro, destacou que é "um justo reconhecimento aos méritos da escritora mineira pelo trabalho como promotora de leitura no município de Mariana em Minas Gerais, sempre através de um belo trabalho, promovendo a cultura literária e formando leitores com o projeto *Poesia Viva: A Poesia Bate à Sua Porta* e que orgulha a todos do mercado cultural, editorial e livreiro do Estado".

Andreia Donadon Leal é escritora, ativista cultural, cronista, poeta e artista plástica do movimento aldravista da cidade de Mariana-MG. Formada em Letras pela UFOP, Bacharel em Estudos Literários, Pós-Graduada em Artes Visuais – Cultura e Criação e Mestre em Literatura, pela Universidade Federal de Viçosa. Deixou o serviço público, em 2007, para se dedicar exclusivamente à produção literária e ao desenvolvimento de projetos de incentivo à leitura e acesso aos livros.

É Governadora do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais em Minas Gerais, membro da Comissão Editorial e Ilustradora do Jornal Aldrava Cultural da Associação Aldrava Letras e Artes, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, entre outras entidades.

Tem trabalhos publicados no Brasil, Chile, Espanha e Argentina.



Andreia Donadon Leal

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

O gênese poético de Morgana Gazel

Carlos Souza Yeshua

Depois de publicar os romances, *Enseada do Segredo* e *Liberdade Negada*, Morgana Gazel reúne uma coleção de poemas e os distribui em seções com títulos e ilustrações, em seu mais recente livro *Criação*, uma obra que passeia no início da Terra e do ser humano. Assim como alguns personagens bíblicos como Jacó, Gideão e Habacuque, que recorreram a Deus em momentos de conflito interno, com os quais todos nós um dia nos deparamos, Morgana faz também uma viagem à origem de nossa existência, para entender melhor nosso papel neste mundo complexo e desafiador.

No poema *Criação*, a escritora recria a passagem do gênese, na qual Deus cria a Terra com toda sua exuberância: luz, água, ar, vegetais, animais e o homem, este ser que não foi suficientemente responsável para permanecer no paraíso, sendo expulso por conta de sua escolha em desobedecer às recomendações do Criador. O resultado, dessa desobediência, todos já conhecem.

Em *Fé*, outro poema, a autora assemelha-se a Castro Alves, em *Vozes d'Africa*, quando diz: "Deus, onde te escondes?/ Quanto busco um sinal de ti,/ tua luz, tua palavra, tua presença./ E ouço apenas um sepulcral silêncio...". O salmista, em seus versos, também demonstrou este desejo ardente de estar na presença do Criador: "Ó Deus, não fiques longe de mim, meu Senhor, vem depressa em meu auxílio!".

A Filosofia aparece no poema "Quem sou eu", quando Morgana sintetiza quem somos nós: "Uma partícula desprendida/ da Mente Infinita/ a buscar diligentemente/ o retorno ao seu lar...". Uma verdadeira metáfora da condição humana. Afinal quem somos nós, senão uma minúscula gotícula da ilimitada energia que deu origem a todas as coisas e que nós conhecemos como Deus, este Ser Maior, que nosso interior anseia por sua presença e proteção. Daí a razão pela qual gritam os poetas.



Criação não fica apenas no gênese, mas percorre do Alfa ao Ômega e chega ao temido Apocalipse, a era em que, parece, já estamos vivendo: "Ruge o furacão da morte.../ Tudo é fumaça, poeira e dor...". Um poema que nos adverte que estamos possivelmente no fim, o fim do mundo talvez... "É o fim da aventura humana na Terra", já anunciou a Banda Eva. O livro tem na contracapa a poesia Mundo, uma obra de arte, premiada pela Literatura - Associação Internacional de Escritores e Artistas Plásticos, com o "Prêmio de Literatura - Literatura 2012", na categoria Criatividade e Originalidade.

Antes que alguém pense que se trata de um livro religioso, eu quero afirmar que não é, embora este assunto seja predominante. Amor, paixão, saudade, sonhos, lembranças também são temas recorrentes em toda a obra, fruto da criativa imaginação de Morgana Gazel, uma psicóloga escritora, que prima por uma literatura de alto nível e com elementos capazes de transformar o leitor. No texto da orelha, o também escritor Carlos Conrado afirma: "*Criação* é um livro revolucionário! Digo isso, pois, ao término da sua leitura, sinto que não sou mais o mesmo". Portanto, leia e transforme-se! *Criação* - Agilite Publicações & Interatividade / 92 páginas / R\$ 30,00.

Carlos Souza Yeshua é escritor e jornalista.
carlossouzamkt@hotmail.com

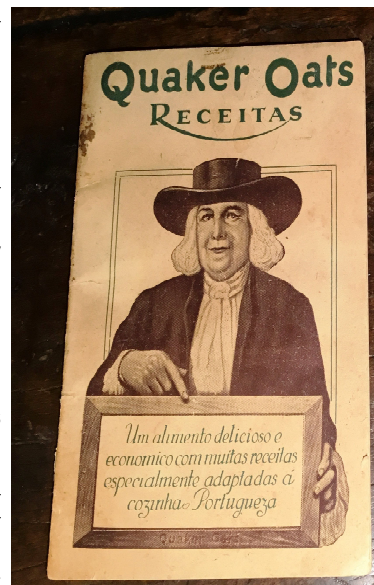
O tradutor Fernando Pessoa para preparar mingau

Gabriel Kwak

Sabe-se hoje, graças a biógrafos credenciados, como o pernambucaníssimo José Paulo Cavalcanti Filho, que o vate português Fernando Pessoa traduziu um folheto para ser dado como brinde pelos comerciantes a quem comprasse conhecida marca de aveia. Mas o livrinho editado pela Quaker Oats Company não traz qualquer indicação do poeta como tradutor. O folheto ensinava a preparar algumas receitas com os flocos do cereal (receitas "especialmente adaptadas para a cozinha portuguesa").

Cavalcanti é autor da mais completa e incomparável biografia de Pessoa (*Fernando Pessoa: Uma Quase Biografia*, Editora Record, 2011, 736 págs.), obra que o alçou a mais idônea autoridade na vida e obra do imenso autor de *Mensagem*. Colecionador de tudo que diga respeito ao universo "pessoano", inclusive, pertences pessoais, o jurista e escritor pernambucano guarda consigo as duas edições do folheto, nada fáceis de serem adquiridas. Conta-me Cavalcanti: "A primeira, com capa em cores. A segunda, mais simples, com mesmo formato e número de páginas, só que com capa sem cores. Tudo por volta de 1918. E Pessoa fez isso, sem dúvida, por carências financeiras."

E o excêntrico Fernando Pessoa não foi o único – nem será o último – escritor grandioso a colocar sua pena a serviço da propaganda. Basta evocar Olavo Bilac, que foi recrutado para produzir anúncios de xarope antitussígeno; o poeta Bastos Tigre, criador de muitos reclames, jingles e slogans para artigos como Rum Creosotado (igualmente um xarope) e de chope de uma famosa marca cervejística; e Monteiro Lobato, conhecido como garoto-propaganda do fortificante Biotônico Fontoura.



Gabriel Kwak é jornalista, escritor e diretor da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

LIVRARIA BRANDÃO

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

'Goto', Um Romance Pós-moderno

Adelto Gonçalves

Itararé, pequena cidade do Estado de São Paulo na divisa com o Paraná, ganhou notoriedade à época do movimento civil-militar de 1932 em que a alta burguesia paulista, desalojada do poder em 1930, tentou, de maneira desastrosa, afastar pelas armas o regime instaurado igualmente à força por Getúlio Vargas (1882-1954), fazendeiro gaúcho que soube galvanizar o ressentimento das demais unidades da Federação contra a chamada política do "café com leite".

Como se sabe, desde o advento da República, capitalistas paulistas e mineiros, praticamente, tinham o monopólio dos benefícios e benesses que a União poderia oferecer, usufruindo-os à exaustão, enquanto os demais Estados chafurdavam no subdesenvolvimento, quase todos entregues à espoliação promovida por suas oligarquias locais.

Em 1932, deu-se então o episódio da projetada batalha de Itararé, "aquela que não houve" porque as forças de um lado e de outro concluíram que não valia à pena levar adiante aquela guerra fratricida, com a capitulação das elites paulistas, que já haviam sido derrotadas em 1930, com o afastamento abrupto do presidente Washington Luiz (1869-1957). O episódio foi utilizado, de maneira jocosa, pelo jornalista, humorista e escritor Apparício Fernando de Brinkerhoff Torelly (1895-1971), conhecido por Apporelly, que passou a apresentar-se sob o falso título de nobreza de barão de Itararé.

Obviamente, o que houve foi uma conciliação de interesses, que permitiria a Vargas levar até 1945 um projeto de governo autoritário e populista que haveria de flertar ostensivamente com o fascismo e o nazismo, até a virada em favor dos Aliados (Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética) que se opunham aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Hoje, sabe-se, porém, que a história oficial escondeu que houve mortos de lado a lado em Itararé, entre os invasores gaúchos e os resistentes paulistas.

Mais de oitenta anos depois, a bucólica Itararé agora entra pela por-

ta da frente da Literatura Brasileira e ganha foro comparável ao do Yoknapatawpha County de William Faulkner (1897-1962) na literatura norte-americana, e de Macondo de Gabriel García Márquez (1927-2014) e de Santa Maria de Juan Carlos Onetti (1909-1994) na literatura latino-americana. A paulista Itararé é o palco das aventuras contadas por Aristides, ou Ari, ou ainda Goto, personagem do romance *Goto – o reino encantado do barqueiro noturno do rio Itararé* (Joinville-SC, Editora Clube de Autores, 2014), de Silas Correa Leite (1952).

II

Obra do século XXI, em que toda a coerência formal da narrativa já foi desrespeitada, Goto surge como romance pós-moderno, ou seja, é fragmentado, desintegrado e de linguagem rebelde, assumindo-se como não-romance ou anti-romance, ao romper com as formas literárias do Romantismo e do Modernismo, como diria o insuperável professor e ensaísta Massaud Moisés (1928).

Afinal, o barqueiro, em seu trabalho de levar gente de uma margem para outra do rio Itararé, contava para o que ouvia, mas falando na primeira pessoa, exatamente do mesmo modo como havia ouvido o caso. Com isso, o romance adquire também um sentido polifônico, ou seja, composto por muitas vozes que não a do autor, tal como definiu o crítico literário e filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), ao analisar a obra de Fiódor Dostoiévski (1821-1881). É nesse sentido que se pode dizer que Goto alcança o status de pós-moderno.

III

De fato, dono de um estilo inconfundível, Silas Correia Leite é, no dizer do poeta bielo-russo-brasileiro Oleg Almeida (1971), um dos mais originais escritores deste Brasil pós-moderno, com uma visão da realidade que se manifesta de maneira socrática: com ironia, coragem e irreverência. E isso o leitor constata com facilidade logo nas primeiras linhas deste romance permeado por "causos" contados pelo barqueiro de Itararé, como o do ancião analfabeto que assinava havia mais de 50 anos um jornalão do Rio de Janeiro apenas porque precisava de papel farto para embrulhar a carne de seu açougue.

Além dos "causos" contados em linguagem caipira, há o depoimento em que Goto, espécie de alter ego do autor, conta as agruras pelas quais passou nas mãos dos esbirros da ditadura civil-militar (1964-1985) que tanto infelicitou a Nação brasileira:

"Era o regime de exceção. Era o arbítrio. Eu mesmo senti na pele a dor crucial dessa época (...). Pendurado num pau de arara, sem água, sem luz e sem pão, eu não podia dizer muito porque nunca tinha atentado contra ninguém, minha única arma era a palavra escrita e falada, porque eu era bom de dialética e sabia ocupar meu espaço denunciando, reclamando, pedindo por eleições diretas e o fim das insanidades palaciais. Se eu soubesse muita coisa, de qualquer maneira, confesso que jamais contaria, eu não era um alcaguete e sabia suportar pressões. (Mas apanhei muito. Várias vezes. Quase morri. (...))."

IV

Silas Correa Leite, educador, jornalista comunitário e conselheiro em Direitos Humanos, começou a escrever aos 16 anos no jornal *O Guarani*, de Itararé-SP. Migrou para São Paulo em 1970. Formado em Direito e Geografia, é especialista em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, com extensão universitária em Literatura na Comunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). É autor também, entre outros, de *Porta-lapsos*, poemas (Editora All-Print-SP), *Campo de trigo com corvos*, contos (Editora Design-SC), obra finalista do prêmio Telecom, Portugal, 2007, e *O homem que virou cerveja: crônicas hilárias de um poeta boêmio* (Giz Editorial-SP), Prêmio Valdeck Almeida de Jesus, Salvador-BA, 2009.

Seu e-book *O rinoceronte de Clarice*, onze ficções, cada uma com três finais, um de tragédia e um terceiro final politicamente incorreto, por ser pioneiro, foi destaque em jornais como *O Estado de S. Paulo*, *Diário Popular*, *Revista Época*, *Revista Ao Mestre Com Carinho* e *Revista Kalunga* e na rede televisiva. Por ser único no gênero e o primeiro livro interativo da Rede



Mundial de Computadores, foi recomendado como leitura obrigatória na disciplina Linguagem Virtual no Mestrado de Ciência da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Foi tema de tese de doutorado na Universidade Federal de Alagoas ("Hipertextualidade, o livro depois do livro").

Silas Correa Leite recebeu os prêmios Paulo Leminski de Contos, Ignácio Loyola Brandão de Contos; Lygia Fagundes Telles para Professor Escritor, Prêmio Biblioteca Mário de Andrade (Poesia Sobre São Paulo), Prêmio Literal (Fundação Petrobrás), Prêmio Instituto Piaget (Lisboa, Portugal/Cancioneiro Infante-Juvenil); Prêmio Elos Clube/Comunidade Lusíada Internacional; Primeiro Salão Nacional de Causos de Pescadores (USP), Prêmio Simetria Ficções e Fantástico, Portugal (Microconto), entre outros. Tem trabalhos publicados em mais de 100 antologias e até no exterior (Antologia Multilingue de Letteratura Contemporânea, Trento, Itália; e *Cristhmas Anthology*, Ohio, EUA). Acaba de publicar pela Editora Pragmática, de Porto Alegre-RS, *Pirilâmpadas*, poesia infante-juvenil.

Goto – o reino encantado do barqueiro noturno do rio Itararé, de Silas Correa Leite. Joinville-SC: Editora Clube de Autores, 432 págs., 2014. Site: www.clubedeautores.com.br - E-mail: poesilas@terra.com.br

Adelto Gonçalves é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Os vira-latas da madrugada* (Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1981; Taubaté, Letra Selvagem, 2015), entre outras obras. marilizadelto@uol.com.br

ARCANJO

Emanuel Medeiros Vieira

"Ah, memória, inimiga mortal do meu repouso"
(Miguel de Cervantes – 1547-1616)

Quando começou o tempo – brevidade infinita?

(O que é o tempo?)

O que é a vida?

Apenas passamos.

Removei, Miguel, todas as mágoas do caminho – marque-me com o teu selo.

Escudo protetor

Só temos a finitude, Arcanjo.

Só.

(E queria acreditar – tanto queria.)

Apelo ao Santo Espírito Shekinah, ao Senhor Metraton e a Saint Germain.

Que a Chama Violeta me liberte da dor, do medo e da ira.

Dor, medo e ira.

Que a Chama Violeta restaure as minhas energias (nossas) diante do Mal.

E o selo maior é o domínio de Cristo.

Assim seja.

(Assim, talvez não seja, e seremos apenas poeira no Tempo.)

Mas eu apelo novamente a ti, Arcanjo Miguel – do qual sempre fui devoto.

Crer, não crer, viver e morrer.

Não sei se elevo-me ou perco-me – mas aspiro subir.

Adonai.

(Brasília, 3 de março de 2016)

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, advogado, crítico literário e membro da Associação Nacional de Escritores.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Livros

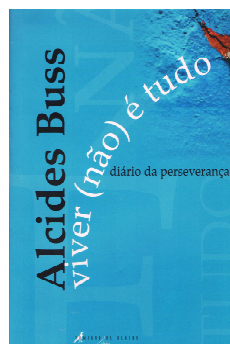
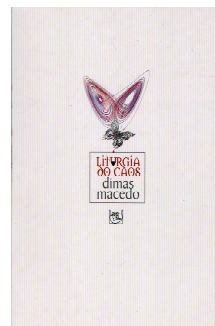
Liturgia do Caos, poemas de Dimas Macedo, Gráfica Imprece, Fortaleza (CE), 2ª edição, 80 páginas. ISBN: 978-85-8126-102-7.

A capa e ilustrações são de Geraldo Jesuino. O prefácio é de Rodrigo Marques.

O autor é escritor, poeta, professor, jurista, Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras.

A obra é dividida em três partes: Vertigem, Voragem e Outros Poemas. A linguagem poética, marcada pela clareza, precisão e concisão, flui harmoniosamente. O ritmo poético tem uma cadência própria, bem compassado.

Dimas Macedo: dimas.macedo@hotmail.com



Viver (não) é tudo *Diário da perseverança*, poemas de Alcides Buss, Caminho de Dentro Edições, Florianópolis (SC), 156 páginas. ISBN: 978-85-62920-08-0.

O autor é escritor, poeta, editor, professor e coordenador do Círculo de Leitura de Florianópolis. A obra infantil *A poesia do ABC* foi agraciada com o Prêmio da APCA - Associação Paulista de Críticos e Artes. A mesma também foi finalista do Prêmio Jabuti.

Segundo Hildeberto Barbosa Filho, "A intensidade do lirismo, o domínio vocabular, a sobriedade das imagens, enfim, a serena melodia do ritmo me devolvem a convicção de que a autêntica poesia sempre existirá."

Editora Caminho de Dentro: editora.caminhodedentro@gmail.com

Vivências, poemas de Djanira Pio, RG Editores, São Paulo, SP, 88 páginas. ISBN: 978-85-7952-108-9.

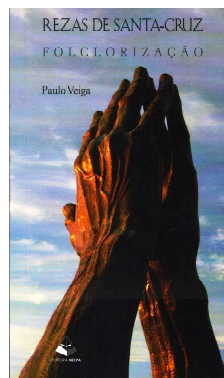
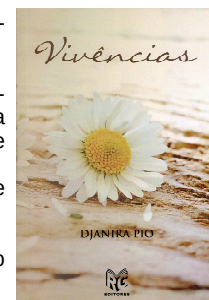
A autora é escritora, contista, poeta, professora aposentada e membro da Academia Santarritense de Letras e da União Brasileira de Escritores.

Tem trabalhos publicados na França, Itália e Portugal.

A obra reúne 76 poemas de temas variados.

A linguagem poética faz um contraponto com o ritmo cadenciado.

RG Editores: rgeditores.com.br



Rezas de Santa-Cruz Folclorização, de Paulo Veiga, Editora Nelpa, São Paulo, SP, 80 páginas.

ISBN: 978-85-8020-539-8.

O autor é escritor, poeta, contista, novelista, romancista, advogado, jornalista e Mestre em Ciência Política. Comendador pela Comenda Pero Vaz de Caminha, outorgada pelo Instituto Histórico e Cultural Pero Vaz de Caminha, em Brasília. Exerceu o cargo de Diretor Secretário do Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa.

As recordações, desde a infância, foram enriquecidas pelas pesquisas realizadas pelo autor em campo sobre a religião cultuada nas Santas-Cruzes, nos velórios e nas festas.

Editora Nelpa: www.nelpa.com.br



Alice Spíndola e Helene Paulinyi

Helene Maria Paulinyi tomou posse como presidente da Academia Feminina Mineira de Letras, no dia 2 de março, em Belo Horizonte. A nova diretoria é composta por Maria Elisa Chaves Machado (1ª Vice-Presidente), Maria Lúcia Soares (2ª Vice-Presidente), Maria Eneida Guimarães (1ª Secretária), Maria Amélia Bracks Duarte (2ª Secretária), Marilene Guzella (1ª Tesoureira), Maria Armanda Capelão (2ª Tesoureira), Maria Lúcia Cardoso Magalhães (1ª Bibliotecária) e Maria Carmen de Castro Amorim Ximenes de Souza (2ª Bibliotecária).

Alice Spíndola, escritora mineira, foi homenageada por Livia Paulini na AFEMIL - Academia Feminina Mineira de Letras, pela tradução de poemas em inglês, no evento de posse da nova diretoria.

A 11ª Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas e Flipoços serão realizadas de 30 de abril a 8 de maio, no Espaço Cultura da Urca, em Poços de Caldas (MG). <http://www.flipoccos.com/>

O Perna de Pau, livro infantil-juvenil, escrito e ilustrado por Felipe Campos, foi lançado pela Duna Duto Editora.

Urda Alice Klueger lançará *No Tempo da Ana Bugra*, na *Livraria Blulivro*, Shopping Center Park Europeu, em Blumenau, no dia 5 de maio, das 18h às 21h30min.

Manuel Monge lançou *Os Borbóns: Unha Monarquía Escandalosa. A Herdanza do Franquismo*, pelas Edições Laiovento.

Notícias

Xavier, colaborador do LV, está com trabalho exposto no 1º Salão Latino-Americano de Humor que será realizado com o apoio da agência Premium Travel, de 19 de abril a 22 de maio, das 9 às 18 horas, no Salão de Ato Tiradentes - Memorial da América Latina, Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, em São Paulo. A lista com a relação dos 150 trabalhos escolhidos está disponível em salaolatinoamericanodehumor.com/selecao

A Editora Vozes lança o *Selo Vozes de Bolso – Literatura* que publicará clássicos da literatura mundial. Os primeiros títulos a serem lançados serão *Dom Casmurro*, *Iracema*, *Memórias de um sargento de milícias*, *O alienista*, *O cortiço* e *O triste fim de Policarpo Quaresma*.

O árabe do futuro 2 - Uma juventude no Oriente Médio - 1984-1985, do quadrinista Riad Sattouf, foi lançado pela Intrínseca com tradução de Carolina Selvatici.

Gastão Vieira é o novo presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

O 7º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e II Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária - Linguagens Poéticas pelas Frestas do Contemporâneo estão com inscrições abertas para trabalhos até o dia 20 de maio. Informações: contato@slj.com.br.

O XII Congresso Brasileiro de Poetas Trovadores será realizado de 1 a 3 de julho, às 16 horas, no RADIUM HOTEL, Praça Ciriaco Ramalheite, em Guarapari (ES). Informações: cj-anna@bol.com.br Ficha de inscrição: <http://sindipol.com.br/site/images/pdf/fichaclrio.pdf>

Eduardo Portella proferiu a palestra de abertura do Fórum Carioca de Cultura no evento de celebração dos 90 anos da Academia Carioca de Letras.

Raquel Naveira e mais trinta mulheres foram homenageadas pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, em razão de suas marcantes trajetórias, na exposição "Mulheres Protagonistas da nossa História", que percorrerá todo o Estado com exibição de fotografias, biografias e áudios.

Oswaldo de Camargo lançará *O Carro do Êxito*, contos, pela Editora Córrego, no dia 3 de maio, terça-feira, a partir das 19 horas, na Casa das Rosas, Av. Paulista, 37, em São Paulo. A primeira edição da obra foi lançada em 1972. A segunda edição foi revista e totalmente trabalhada pelo autor. O livro é considerado pioneiro na área da ficção porque trata o negro urbano à procura do seu lugar na sociedade.

Maria de Molina Ribeiro, escritora, cronista e jornalista, faleceu no dia 1 de abril, em Capina Grande (PB). Exerceu o cargo de Diretora da Biblioteca da Academia de Letras de Campina Grande. Autora de *Dois Momentos de Minha Vida*, *A Mulher através da História*, *O Ofício de Escrever* e outras *Vertentes* e *Café da Manhã – Crônicas e Artigos* (inédito).

Dorinateca é a Biblioteca Digital da Fundação Dorina Nowill que disponibiliza um acervo de livros nos formatos áudio e digital acessível Daisy e arquivos para impressão de publicações em braille. Tel.: (11) 5087.0999. www.dorinateca.org.br

Ana Gabriela Ribeiro Pereira, com nome literário Bibi Ribeiro, lançará o romance *Era Uma Vez – A Busca*, no dia 2 de maio, segunda-feira, às 20 horas, no Espaço Cultural Bardo Cervejaria, no Bairro Morada do Parque, em Montes Claros (MG). bibiribeiro@hotmail.com

A Academia Paraibana de Letras Jurídicas promoverá o II SEMINÁRIO SOBRE TEMAS JURÍDICOS abordando "Aspectos do novo CPC", de 1 a 3 de maio, das 8 às 18 horas, no Auditório do Fórum Cível de João Pessoa (PB), Av. João Machado, S/N.

Criação de Macunaíma, exposição em homenagem aos 90 anos da criação do romance *Macunaíma*, ficará em cartaz até o dia 20 de julho, de terça a sábado, das 10 às 18 horas, na Oficina Cultural Casa Mário de Andrade, Rua Lopes Chaves, 546, em São Paulo. A mostra reúne fac-símiles dos originais do romance (acervo IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da USP), exemplar da edição original autografada do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade (acervo da Casa Guilherme de Almeida), entre outros objetos. www.oficinasculturais.org.br

Democratizando a produção poética na Rede de Ensino, projeto da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Mariana (2013-2015), coordenado por Andreia Donadon Leal, foi agraciado com o *Prêmio VivaLeitura* - 2016.

Djanira Pio, poeta e contista, lançou o livro de poemas *Vivências*, pela RG Editores.

O Comitê Rio 2016 e a Editora Casa da Palavra, empresa que pertence ao grupo LeYa, lançarão cinco títulos oficiais para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Políbio Alves lançou *Manual de Literaturas da Língua Portuguesa: Portugal, Brasil, África Lusófona e Timor-Leste*, pela Editora CRV.

Geraldo Vitorino de França, o Voinho, lançou *Aprendendo com o Voinho*, volume 4, pela Audexia Edições, no dia 4 de abril, no Recanto dos Livros, em Piracicaba. Toda a renda da venda dos livros foi doada para o Lar dos Velhinhos de Piracicaba.

João Gualberto Costa, arquiteto e diretor de arte, foi eleito presidente do Instituto Memorial das Artes Gráficas do Brasil.



xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

